



*Robot IIa, fantasio4*

# "O paraíso pode esperar": a geração sem memória em Olga Gonçalves

SANDRA GUERREIRO DIAS  
*Universidade de Coimbra, Portugal*

**RESUMO:** Confrontada com mudanças sociais profundas no pós-Abril, especificamente de 1980 em diante, a juventude portuguesa inaugura novos modos particulares, mesmo de vanguarda, de sentir e agir em sociedade. Enquanto comunidade, e portadores de uma memória não-oficial, estes jovens são os protagonistas involuntários de uma ruptura geracional de grande impacto em toda a sociedade. O presente estudo parte do trabalho da escritora portuguesa Olga Gonçalves. Nos seus diários ficcionais, analisa-se o processo de auto-biografização e a forma como este discurso se cruza ora com a reconstrução das memórias históricas da juventude portuguesa, ora com a desconstrução de algumas leituras hegemónicas sobre o período pós-revolucionário largamente reproduzidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** juventude portuguesa, mudança social, pós-Abril, memória.

**ABSTRACT:** Confronted with deep social changes in the post April period, from 1980 onwards, Portuguese youth initiate a particular, perhaps avant-garde, way of experiencing and acting in society. As a community and carriers of a non-official memory, they are the involuntary protagonists of a massive generation rupture, impacting considerably on the entire society. This research looks at the work of the Portuguese writer Olga Gonçalves. In her fictional diaries, I analyze the process of self-biographization and the way it intertwines with a reconstruction of the Portuguese youth historical memories and the decomposition of some hegemonic readings widely reproduced about this post-revolutionary period.

**KEYWORDS:** Portuguese youth, social change, post-April, memory.



#### UMA MUDANÇA DE CENÁRIO

A juventude<sup>1</sup> é, enquanto representação social, objecto de mitificação (e um mito que se torna parcialmente realidade) pelo que dela se diz ou pensa (cf. Pais, 1998: 47). No entanto, nem sempre a formação das imagens mitificadas criadas pelo ‘inconsciente colectivo’ (Durand), parecem corresponder a evidências empiricamente observáveis. Veja-se:

Leio o que escrevem sobre a juventude abalada do após Abril. Que a mesma juventude se encontra alienada, grande parte socialmente desinserida, a comunicação perdendo força. E o terror do movimento nihilista dos punks. E os conflitos com o patriarcado familiar. Fim de citação! / Em França até a *Marselhesa* pode servir para troça aos estudantes: ‘Allons enfant de l’apathie’. / Ouvimos de sobejo a crítica de que só aspiramos a facilidades pessoais, que somos irresponsáveis, cépticos, decadentes e delirantes. Sem qualquer encantamento. A mulher e o homem não entendendo o seu papel. A verdade é que tudo se nos foi tornando mais difícil. Não há empregos, não há habitação, não há lugares nas escolas nem nas universidades (Gonçalves, 1992: 14).

Este excerto de *Sara*, de Olga Gonçalves, publicado em 1986, alude a dois aspectos que, no âmbito desta reflexão, importa desde já reter: em primeiro lugar, a referência a algumas determinantes –juventude

---

<sup>1</sup> Considera-se aqui juventude na acepção sociológica do termo, isto é, enquanto “realidade social intermédia e transitória, que decorre entre a infância e a maturidade, entre a independência e a emancipação social” (Cruz, 1995: 319).

“abalada”, “alienada”, “socialmente desinserida”, decadente, céptica e desencantada, –que estão na base da criação de representações sociais mitificadas das gerações das décadas de 70 e sobretudo de 80<sup>2</sup>, e de que expressões como “geração sem memória” (Vieira, 2000: 113), geração dos “marginais consumidores” (Cruz, 1995: 325) ou “geração vencida” (Gonçalves, 1992: 56) são alguns bons exemplos. Por outro lado, nas palavras finais deste excerto, alude-se também ao “vazio sem trágico nem apocalipse” (Lipovetsky, 1989: 11) decorrente do fim dos “trinta gloriosos anos” da Europa Ocidental (Judt)<sup>3</sup> e do “fim das ideologias” (Bell), legado de que estas gerações se tornaram testemunhas emergentes. Gumbrecht considera que a cultura ocidental se encontra presentemente num “momento de cristalização incipiente” que afecta a nossa capacidade de discernimento histórico (cf. 2010: 158).

Neste ensaio procura-se repensar algumas dessas cristalizações a partir de representações literárias, nomeadamente no referente à memória recente do pós-74 e ao protagonismo incontornável desempenhado por esta “minoría activa” nas profundas transformações sociais em curso na sociedade portuguesa do pós-Abril. Escreve Gonçalves, num dos seus diários, através da voz ficcional de Sara, jovem adolescente que relata o quotidiano urbano da juventude portuguesa da década de 1980: “Ansiamos por modificar e transpor, mas como? / Somos silhuetas no meio da desordem, vivendo segundo leis inventadas por quem não sabe criar um trecho de alegria pura. Sem manifestações de hostilidade. Sem a mímica da agressão e do desânimo” (Gonçalves, 1992: 155).

O 25 de Abril provocou em Portugal a “redefinição radical” da identidade histórica e política do país (cf. Loff, 2006: 190), constituindo a revolução de 1974 “a marca genética específica da democracia política portuguesa” (Rosas, 2005: 219). A maior democratização da vida pública de que há memória na história do país ocorre no entanto a par de um conjunto de dissonâncias de que a situação específica da juventude é testemunha. Na emergência de uma sociedade (sub)urbanizada, complexa e heterogénea, orientada para transformações profundas dos comportamentos sociais, reveste-se de particular importância o papel desempenhado pelos jovens na revolução de hábitos culturais e de sociabilidade urbana. Emergindo num quadro de mutação global em curso como “a mais vulnerável ao impacto da mudança social” (cf. Pais, 1994a: 6), esta juventude protagoniza uma revolução cultural no tocante à difusão dos saberes, às práticas culturais, às disposições cívicas, aos hábitos de consumo, bem como às formas e sistemas de participação/aspiração social (cf. Pinto, 2006: 138). Paralelamente, estes trajectos de transição, heterogéneos e descontínuos, parecem estar associados a um fenómeno globalizado de “distorção do

<sup>2</sup> Refere-se aqui às gerações do pós-Abril em sentido lato, até aos princípios da década de 1990.

<sup>3</sup> Judt refere-se aqui ao fim da “ década mais próspera da história, a explosão económica do pós-guerra” (2006: 517).

crescimento social da juventude” (Cruz, 1995: 322)<sup>4</sup>, de que uma certa decepção pós-revolucionária é expressão. Na era comumente conhecida por “era do vazio” (Lipovetsky, 1989: 14), a indiferença cede no entanto lugar, no caso da juventude portuguesa, à “valorização de opções socializadas” (Figueiredo, 2001: 94). De acordo com Joaquim Vieira, a ruptura geracional observa-se na forma como os jovens trocam os comícios políticos pelos concertos de música rock ou similares (cf. Vieira, 2000: 113), verificando-se a par da intensificação das relações conviviais com colegas e amigos, a busca de formas culturais alternativas ao fim das ideologias, na linha das teses de Bell, que explicita:

No domínio da cultura, contrariamente, um tal princípio [referindo-se à linearidade da razão instrumental das transformações económicas e tecnológicas, na origem do fim das ideologias] não se verifica: aí as alterações são limitadas pela tradição ou conduzem brutalmente ao sincretismo: as inovações estéticas não desactualizam as formas precedentes mas ampliam o leque estético da humanidade (1997: 366).

Manheim distinguia, em *Le Problème des Générations* (1928), “geração potencial” de “geração efectiva” pela capacidade desta última actuar como força transformadora da sociedade (cf. Pais, 1998: 25), distinção que leva José Machado Pais a perguntar o seguinte:

Em que medida as transformações que deram lugar à revolução de 25 de Abril, ou que com ela ocorreram, não terão correspondência com um cenário propício ao protagonismo dos jovens portugueses, num sentido próximo ao de *geração efectiva*? Isto é, em que medida a revolução de 25 de Abril não terá tido marcas especificamente juvenis, a seu montante e jusante? (Pais, 1998: 25).

Em suma, apesar do assinalável indiferentismo político e do abrandamento dos ideais revolucionários que caracteriza em traços gerais esta juventude do pós-74, não é possível ignorar o papel transformador que a mesma desempenhou na liberalização da sociedade portuguesa e abertura ao espaço europeu, “distendendo-a dos seus constrangimentos políticos mais marcantes ou repressores” (cf. Pais, 1998: 25), como não é possível, a jusante, ignorar o papel fulcral que os movimentos estudantis dos anos 60 desempenharam no precipitar do fim da Guerra Colonial. Afinal, pergunta Gonçalves, pela voz ficcional dos seus diários: “Por que havíamos de recusar esse jogo? «A nossa biografia assenta no enredo da História»” (Gonçalves, 1992: 114).

Rui Bebiano propõe a distinção entre esquecimento e “desmemória”, na medida em que se o primeiro sugere “descuido, acidente, o obscurecer casual de reminiscências do passado”, o segundo designa “um apagamento voluntário da lembrança, um desconhecimento, ou mesmo um desinteresse por áreas do vivido” (2006: 9). E se é verdade que, nesta geração, a história parece ter-se retirado do seu lugar de

<sup>4</sup> Aspecto de que as duas obras de Olga Gonçalves aqui em estudo dão particularmente conta, e a que se voltará.

memória, “deixando atrás de si uma nebulosa indiferente, atravessada por fluxos, mas esvaziada das suas referências” (Baudrillard, 1991: 60)<sup>5</sup>, não o é menos que a esse mesmo vazio regressam as reminiscências dessa história passada, como constatam os relatos de Gonçalves, isto é “a panóplia dos acontecimentos, das ideologias, das modas retro” que surgem “simplesmente para ressuscitar o tempo em que pelo menos havia história, havia violência” (Baudrillard, 1991: 60). Outra vez Gonçalves:

Tenho uma memória de grilo. Quer dizer, parece que ando pior agora. Estou com tanta coisa na minha cabeça. Quem me dera ser miúda! Quer dizer, não é que eu quisesse outra vez ser miúda, mas queria ser assim inconscientezinha e não ver muitas coisas que vejo agora. Sei lá, não perceber (Gonçalves, 1983: 62).

Estou simplesmente na constatação de que o mundo avança, e que muita coisa pela qual a malta se batia vai ficando para trás. Temos realmente de fazer um grande esforço, de jogar com a imaginação (Gonçalves, 1992: 114).

Ou ainda o esquecimento pode ser a “perda da recordação”, e a recordação, “a impressão que permanece na memória” (Littré *apud* Augé, 2001: 22) e esta geração é a geração a quem coube o balanço das vitórias e perdas revolucionárias, e por isso a tentativa de definir e interpretar o ‘novo’ Portugal pós-74, como parecem mostrar os diários da autora em estudo<sup>6</sup>. Assim, é preciso ler nessa “*mudança de cenário*” que se traça na “ruptura dos equilíbrios familiares”, na “errância urbana”, e na “nostalgia algo militante” (Coelho, 1988: 253), algo mais do que a mera despolitização ou o “apagamento voluntário da lembrança” de Abril, pois que, mais do que esquecimento, a memória da Revolução ocupa, nesta geração, o lugar de uma impressão que permanece no esquecimento, memória portanto, isto é, “uma vigilância do ponto de vista da procura [do que resta dessa memória], da busca da felicidade” (Gonçalves, 1992: 112), esta sim, sem história, ou como explica Sara, a jovem adolescente que dá voz aos diários aqui em estudo:

A história dos afectos / não a entendo bem, não sei como é por dentro. Como a Revolução de 74, houve nela um significado qualquer que me escapou. Eu tinha apenas dezasseis anos, e um convívio pouco diferenciado. Além disso, era só a vida que me dominava e que mandava em mim, a mudança de um sistema seria ainda o nulo. / Os mais novos, agora ainda no liceu a estudarem literatura, não se lembram. Referem-se a essa data como a um facto evanescente, uma embarcação navegando sobre manuscritos de poemas em que um magote de homens embrulhou cravos. / Nem eles nem nós, os de vinte-e-tal, guardamos marcas da Pide ou da guerra das colónias. Da Censura. Das perseguições e do medo. O que a memória me deixa hoje distinguir é a grande margem de espectáculo, a movimentação das pessoas, como se de repente fosse um não acabar de conversas e de programas. / Talvez sejamos uma geração que se assume sem referências, o fim da geração de Setenta, para a qual o básico pode constituir essa mesma perda de referências. A sua diluição, ou a sua

<sup>5</sup> Leitura que está na origem da ideia comumente aceite de que esta terá sido a primeira geração a não ter “consciência da vida no tempo da ditadura nem memória das exaltações do período revolucionário 1974/1975” (Vieira, 2000: 113).

<sup>6</sup> Teresa Tavares, por exemplo, considera mesmo que a obra de Olga Gonçalves dá “visibilidade às resistências atávicas à democratização plena da sociedade portuguesa” (2002: 360).

flutuação, que é a morte dos limites (Gonçalves, 1992: 34).

Como constata Luís Mourão, mais do que conceder “um sentido estritamente autotélico” ao “devir adolescente do mundo”, simbolicamente conotado com a omnipresença da tecnologia e do lazer dos anos 80, é preciso incrustar esse esquecimento ou errância de sentidos de outros itinerários de interpretação de modo a enfrentar “plenamente a queda das metanarrativas legitimadoras” (1996: 10-11). Só assim é possível iniciar-se “a tarefa de pensar para além delas e dos seus próprios sucedâneos” (10-11), isto é, procurar uma “aproximação mais catártica” dos fenómenos históricos que exponha deliberadamente o que está cristalizado no passado, procurando-se “a proximidade e o impacto físico e emocional com aquilo que permanece” (cf. Gumbrecht, 2010: 160).

“Depois do 25 de Abril, ficámos todos despassarados”<sup>7</sup>

Na continuidade das teses foucaultianas, do “linguistic turn” (Rorty) e da publicação dos trabalhos de White, *Metahistory* (1973) e *The Content of the Form* (1987), a década de 1980 consigna o momento/movimento de viragem definitivo a partir do qual história e memória passam a ser equacionados pelos historiadores como “modos complementares de construir e relacionar o tempo” (Assman, 2006: 263). O esbatimento das fronteiras entre história factual e história vivida dá pois lugar a uma concepção de história como “olhar que examina e verifica os passados lembrados” (263-264), passando a considerar-se a memória como “vista de dentro” que permite “avaliar os eventos do passado e estabelecer uma postura ética”, e a história como “a vista de fora” que “verifica os eventos lembrados” (264). Uma concepção plural e crítica da história pressupõe por isso o recurso inevitável à memória como tensão do imaginário no presente (na senda de Benjamin), “lugar vivido no presente eterno” (Nora *apud* Collin, 2001: 14), lugar de permanência das “interrogações actuais e palpitantes sobre certos períodos que ‘não passam’” (Henry Rousso *apud* Sá, 2005: 6), ou ainda, modo de “negociação entre o que se lembra e o que se esquece” (King, 2000: 180). O estudo da memória pressupõe por isso inevitavelmente também o estudo dos processos de “reconstrução ideológica do passado que condiciona a própria percepção do presente” (Sá, 2005: 7), avaliação que constitui em si uma forma de vigilância da memória a haver.

A escrita da memória assume neste quadro particular relevância, como prática complexa de escrita cujos enfoques analíticos, após os contributos teóricos do pós-estruturalismo, da psicanálise, do marxismo, do feminismo e do póscolonialismo, passam a centrar-se, conforme Max Saunders, nos modos de escrita e nas representações da sociabilidade, isto é na tensão que subjaz às repercussões culturais das memórias

<sup>7</sup> Gonçalves, 1983: 42.

como representações e das representações da memória (2008: 330), num espaço-texto de conflitualidade que aquela escrita ora convoca, ora provoca. De facto, tanto Halbwachs, e a teoria da “memória colectiva”, como Augé e a “implicação mútua das narrativas” (2001: 52-55), Collin e o estreitamento político da memória (2001: 40), ou Pollack e a “disputa da memória” (1989: 6), dão conta deste lugar de confrontos múltiplos e fracturantes entre o particular e o público, o social e o político, o passado e o presente, a memória e o esquecimento. A relevância crítica de uma análise da escrita-da-memória literária reside por isso também na detecção deste espaço de conflito como “interdiscurso reintegrativo” (Jürgen Link *apud* Neumann, 2008: 335), para o qual Birgit Nuemann chama a atenção, na medida em que a reconceptualização das memórias que aquela escrita pressupõe, para além de assinalar as divergências entre memórias sancionadas e não sancionadas, “ mantém vivo o conflito sobre aquilo que o passado colectivo realmente procura” (2008: 341), ligando “o discurso hegemónico a possibilidades não-realizadas ou inexpressivas do passado”. A memória torna-se aqui, assim, “ força de inovação contínua e auto-renovamento cultural” (341).

Gumbrecht refere que as latências presentes nos textos escritos só resultam perceptíveis de forma problemática (cf. Gumbrecht, 2010: 150). Em *Mandei-lhe uma Boca* (1977) e *Sara* (1986), a escrita da memória, aqui na primeira pessoa pela voz da jovem Sara, a busca do tempo latente resulta num processo fantasioso, em que cada página assenta numa escrita das sombras para melhor pensar a irrealidade do quotidiano que vive –“Preciso de ficção para ver melhor a realidade” (Gonçalves, 1978: 179)– num jogo de tudo pôr tudo em questão, com fascínio. Assim a aprendizagem que decorre do enfrentamento da “soma de factos e de minúcias que chegam até nós” é depor aquilo que a adolescente designa de “velharia dos mitos” (Gonçalves, 1992: 17), isto é, evidenciar a ambiguidade da ilusão desconhecida desses tempos de névoa densa, como relata. Conforme Luís Mourão, mais do que “demonstrar por absurdo” esse tempo de acumulação de tensões do pós-revolução português, os quadros sociológicos de Olga Gonçalves procuram “pensar este absurdo desde o seu início” (cf. Mourão, 1996: 126), isto é, procura surpreender-se do contacto destes jovens adolescentes com a imagem do futuro essa “desmaiada memória de outro tempo” sem “a carência de outros indícios, outras viagens”, sem outra vontade que a de “ abranger o mundo inteiro” (Gonçalves, 1992: 10). Gumbrecht considera que a memória colectiva está presente nos textos através dos diversos tipos de comunicação mediante os quais são compartilhadas as memórias individuais (cf. Gumbrecht, 2010: 153). Assim estes textos testemunham, pelo emprego do tempo íntimo, clandestino, como resposta fugaz às aporias que se abrem no refluxo da revolução, o desintegrar das tensões colectivas, através da narrativa pessoal de uma adolescente que procura a sua voz num universo em

dissensão<sup>8</sup>:

Se os relatos dão ênfase ao quotidiano, observar e reflectir revalorizam as cores que ficaram de pé, e que podem fazer-nos chegar ao nosso possível, ao nosso impossível, ao que não sabemos que somos. / Tem sempre acontecido perante a folha a grande descoberta. Na folha branca não me traio nem sou traída (Gonçalves, 1992: 152).

A forma viva do conflito é nestes textos a do uso da própria liberdade nos modos de representação que estabelecem a ruptura face às representações mitificadas sobre estes jovens, às quais a autora refere faltar “a história dos afectos” (Gonçalves, 1992: 33). Um reconhecimento: trata-se de uma geração que é acima de tudo heterodoxa e heterogénea. Como relata Sara, há “uma faixa de meninos e de meninas incapazes de um sentido crítico [...] [que] Não se aplicam a raciocinar” e há “outra faixa de meninos e de meninas que resultam estrondosamente puritanos” (33); há os outros, que tomam “conta das crianças, do animal, do pó dos móveis, da capacidade dos tachos, da torneira que pinga, do asseio da retrete, do papel vegetal para os queijos, do bicabornato para o estômago ou para os bochechos”, cuja “mulherzinha em casa dá segurança” (33); mas também há “os que são honestos, coerentes, os que são capazes da metamorfose. A metamorfose consciente e assumida”, como o “Tó Mané, que fumou haxixe, e depois apareceu muito alinhado, todo o mundo a saber que se filiara num partido a sério” (Gonçalves, 1992: 115); há ainda os “que insistem nas conquistas de Abril”, mesmo “que pareçam evaporadas...”, esses “apanhadores da coragem!”, que “sempre existiram ao longo de todos os percursos” (Gonçalves, 1992: 35)<sup>9</sup>; também há os que “fazem sempre as refeições em conjunto, dormem acampados, juntam-se às vezes no Café do Forte”, e que tocam “guitarra e viola”, cantam “todas as [músicas] do Zeca Afonso”, “as populares alentejanas” e “algumas da *country music* americana”, os mesmos que estão apenas “interessados na solidariedade entre eles, na defesa dos animais, e no mundo ecológico” (Gonçalves, 1992: 107); ou os que gostam “de boîtes, das piscinas, do surf”, que “têm as pranchas *made in USA*, blusões comprados nos Estados Unidos ou na Suíça” (107); há ainda os que “não têm pedalada, viraram conservadores”, que “fomentam o machismo” e acham “a virgindade necessária”, como se o “conformismo despropositado” ou esse “sistema de valores devesse ser o único ou ser imposto”, esses, que traíram “a geração de Sessenta” (155). Comum a todos eles, o infernal desencanto:

<sup>8</sup> Casimiro de Brito sobre a personagem Sara: “Uma primeira verificação seria que não é possível conceber-se um espectáculo [...] onde não *fale* toda a sociedade que o circunda” (Brito, 1978: 86). Maria Graciete Besse, por seu turno, considera que as “experiências actualizadas pelo monólogo retrospectivo [de Sara] permitem-nos o acesso a um tempo de perda da inocência, a um universo em processo de desagregação” (1994: 92).

<sup>9</sup> E acrescenta: “Diz ele que aos dezoito anos perceber o que era essa coisa do poder na rua, foi assim que viveu toda a festa revolucionária. Fez vigilâncias populares, fez teatro em cooperativas, e no 11 de Março andou junto com os outros a mandar parar os carros. Diz ele que exerceu o poder! Obedeciam-lhe. Nutriu-se da emoção e do regozijo. Viveu mesmo, viveu tudo aquilo, e lembra-se. Conta que ajudou mesmo a destruir quadros num palacete: ‘Uns clássicos! Imaginem! A malta a destruir a cultura dominante, a dar cabo das estruturas o mais que podia!’” (Gonçalves, 1992: 35).

Esta manhã levantei-me cedo. Abri a janela. O sol ainda muito brando nos jardins e nos telhados das vivendas, o risco azul do Tejo lá ao fundo correndo para o mar. / Encolhi-me dentro do roupão, tive um arrepio, o caos anda por aí, sacode o vento. Impalpável. Intangível. / A eficácia e a ineficácia do que nos acontece deixa-me no maior pasmo, deixa-me um enorme desencanto, é infernal que se sinta o desejo de morrer. / Uma pessoa está viva e está confusa, está viva e desgosta-se de participar. Nem sabe mesmo como agir quando ouve aquela voz: Reorganiza-te! (Gonçalves, 1992: 151).

Nestes jovens, segundo Sara, também não se ignora a inexactidão das certezas e das perspectivas ou esse “programa equívoco” que é o futuro do “furioso desejo de acerto” (Gonçalves, 1992: 26) com as incertezas, as que, sendo sobre o passado, são também as do presente e do futuro:

Massacrei a Riva<sup>10</sup> depois com o meu pessimismo, com figuras que inventava para catalisá-lo, mortalmente triste. / Em Santo Estêvão, o final do entardecer é compassado. Amacia-se o horizonte, desenhos em tons de amarelo porque ceifaram a aveia e a cevada, contra o desenho verde das hortas. Apetece falar só a meia voz, ou calar de repente. / Começou a prender-me a ondulação do terreno que parece mover-se, um vale, um monte, um monte, um vale (Gonçalves, 1992: 43).

Embragados de bulício urbano, estes jovens experimentam esse “escuro até mais não” de um tempo sem memória, ou a tristeza ruminante que não passa –“Fico para ali a ruminar uma tristeza” (Gonçalves, 1983: 44). São jovens cuja vida colectiva é uma espécie de recordação esquecida do passado recente que interroga a esperança<sup>11</sup> –“Perceberão todos assim tão bem o que lhes passa pela frente? E aquilo que nem se sabe se passa, como é que passa! O que me parece é que é preciso muita força. Muita coragem. Que bom haver pessoas que nos fazem rir! Gosto de rir, pois!” (Gonçalves, 1983: 44). Também reconhecem o complexo entrelaçar das forças em confronto dessa sociedade que simultaneamente os exclui e mimetiza, soçobrando à sua frente:

Afinal, os governos, as famílias, a certeza dos nossos direitos, tudo soçobra à nossa frente. À nossa frente, a vista é em todos os lugares a mesma [...]. O que sozinho bailará no espaço. Ou será múltiplo. Mas oculto, mas oculto, mas oculto. E haverá aí lugar à poesia? (Gonçalves, 1992: 112).

Nestes textos, olhando a vida de dentro, olha-se os que não encontram emprego –“o filho da porteira, um estupendo rapaz que não consegue lugar na universidade, nem num curso médio, e não encontra emprego” (Gonçalves, 1992: 110)–, ou os que não conseguem entrar nas universidades, os que deixaram de estudar, os que nada fazem, os que “seguem os yogis e os gurus”, e os que “pesquisam

<sup>10</sup> Riva é a melhor amiga de Sara, mais velha, sábia conselheira e principal interlocutora da adolescente nos dois livros e sobre a qual Casimiro de Brito escreve o seguinte: “Temos depois Riva, silenciosa, ordenando com astúcia [...] o discurso de Sara. O silêncio de Riva é portanto aparente, um artifício de estilo. Ou não será através dela que a A. se identifica para absorver uma zona segunda do real?” (Brito, 1978: 86).

<sup>11</sup> Conforme Marc Augé, “a recordação pode interrogar a esperança” (Augé, 2001: 22).

crenças”, os que se entusiasmam “temporariamente por formas comuns” e “vivem a indecisão ou a angústia de um dia mais sobre os ombros, logo a seguir a um dia doce” (Gonçalves, 1992: 110). Olha-se em suma um país onde, como observa Sara, os jovens têm dificuldade em inserir-se na vida activa e colectiva. O desinteresse e a deriva –“Tenho dado comigo presa a este assunto. / A malta está desinteressada, anda à deriva” (Gonçalves, 1992: 110)– são então um risco que se corre com mais ou menos convicção por quem nada há de irrecuperável –“estou pronta a acreditar no risco” (Gonçalves, 1992: 91)<sup>12</sup>. Afinal, é a insegurança que está para vir, é o desejo de se ficar alucinado, mas de discutir também –“Discutimos. Suavemente, mas discutimos. Fi-la notar que as minhas posições visavam apenas entender as causas de adesão a tais malefícios” (Gonçalves, 1992: 91). Pode ser bom sinal. Pode, como diz Baudrillard, ser a “astúcia superior” de um destino colectivo, desafio ou “ciência imaginária” contra a “astúcia suprema do sistema, a do simulacro da sua morte” (1991: 88-89) –“o talento é imprescindível no terminar das guerras!” (Gonçalves, 1992: 60)–, ou podem as boîtes, as drogas, o consumo de álcool ser a “patafísica dos simulacros” redentora; a disposição inelutável para “a absorção de toda a negatividade possível” (Baudrillard, 1991: 89)? Responde Sara:

O Nelson que não deixa de ser um pão, e um tipo fixe, é inteligente à brava. Quem é que há-de dizer-lhe que a irmã, a Licas, toma spidos e depois um Valium, logo de manhã, antes de ir para a faculdade. Descobriu que os spidos lhe dão grande capacidade para meter na cachimónia a matéria. Uma curtição a experiência, garante ela revirando os olhos. Miúda. Não percebe que pode cair no hábito, que estoira com os nervos e a saúde. O mesmo com o Tiago e até com outra malta. Esses agora metem-se na cerveja e no carrascão. Não bebem Sumol, ninguém pega em refrigerantes. Alguns dizem mesmo que gostam de ir tocados para as aulas, acham emocionantíssimo, acham o máximo! (Gonçalves, 1992: 100).

Também, não fumo muito. Há bocado falámos de liamba. Não lhe disse que já queimei! Ah! Ah! Ah! Queimo uma vez por outra. Oh, que importância tem isso? Toda a malta queima. Pois, toda a malta nova. É bom sinal, sinal que evoluímos. Em quê? Ora! Bem se vê que nunca queimou! Ficamos a perceber tudo muito melhor, ficamos com um maior sentido crítico. (...) O que julga? O nosso país é um grande centro de droga (Gonçalves, 1983: 31).

As boîtes e a música que toca muito alto: um desses “espaços vazios de significado” que “devem a sua presença fantasmagórica à falta de sobreposição entre a elegância da estrutura e a confusão do mundo” (Bauman, 2001: 121), e que prefiguram aqui, nestes diários, o espectro de solidão que povoa a vivência urbana destes jovens –“Tinha a cabeça cheia daqueles rostos, suados e brilhantes, todos com uma aura de solidão” (Gonçalves, 1992: 179). São ainda o espaço separado do tempo e o tempo separado do espaço, separados e isolados entre si e por isso de todos entre uns e outros e entre si<sup>13</sup> –“O fantasma da minha

<sup>12</sup> Ou ainda: “a nossa [geração] está impotente, desencantada, está numa grande confusão. Mas insurgindo-se. Nem sempre energicamente, mas insurgindo-se” (Gonçalves, 1992: 56).

<sup>13</sup> A “modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si” (Bauman, 2001: 15).

solidão?”<sup>14</sup> (179)–; em suma, a encenação em cores psicadélicas de uma geração inteira<sup>15</sup>:

E o que é que têm as ‘boîtes’? Não gosta de ‘boîtes’ por tocarem a música muito alto? Pois isso é do que eu gosto mais. Não nos ouvirmos uns aos outros é giríssimo. Está bem, tem de se falar um bocado mais alto do que o normal, mas ouvimo-nos perfeitamente. Nem a ninguém lhe passa pela cabeça que isso incomoda. E porque é que se há-de conversar todo o tempo? [...] Ah, exactamente, isto agora é outro tempo! (Gonçalves, 1983: 26).

Nesta “rebelião moral” (Nietzsche) sem estímulos, em que se esquece para não morrer, em que se vive para sobreviver, as perguntas e as respostas não prefiguram a busca em profundidade de um ideal mas tão só “um lugar de calor, um elo entre nós e os outros, [...] um lugar-mãe” (Gonçalves, 1992: 154), que pode ser o da/na multidão, em bares, discotecas, ou em grupo – “Ainda no sábado fomos parar ao Bairro Alto. Demos uma espreitadela ao Frágil. As mesmas caras. Não interessava. Fomos dali ao Bora-Bora. No Bora-Bora estava malta amiga, fizemos grupo” (Gonçalves, 1992: 76) – ou caminhando só lado-a-lado: “Eu já vou mais além. Estou farta de grupos rotulados. Olha, sou mais capaz de acreditar em estratégias, na capacidade deste ou daquele indivíduo” (Gonçalves, 1992: 109). Afinal, o tempo é demasiado sábio e demasiado superficial para se crer que os mitos tenham dado lugar à racionalização (cf. Certeau, 1993: 36).

Conforme José Machado Pais, a fraca identificação ideológica constitui um dos valores identificativos desta geração (cf. Pais, 1998: 41)<sup>16</sup>, como a morte das narrativas. Escreve Sara: “Platão e Hegel. / Agora toco a música ao contrário” (Gonçalves, 1992: 153-4); “Correntes filosóficas, e arquétipos literários, e padrões de cultura: [...] apenas gostaria de fazer um pequeno filme, uma curta-metragem” (Gonçalves, 1992: 154). Neste caso, a tensão do imaginário latente no presente revela-se na ausência da credibilidade no caminho: “sabemos que isto já vem de séculos, já Fernão Mendes Pinto registou que o ideal entrara em decadência” (Gonçalves, 1992: 110)–, ou talvez seja aí que tudo comece e se resolva, quando a indiferença que se vê forçada a viver como estranha e se envolve na trajectória das solidariedades intergeracionais e das narrativas que se entrecruzam formando tempo, como constata Sara: “Da última vez que estivéramos juntos falara-se de grupos sociais, e resvalara-se para o tema mais do que evidente da

<sup>14</sup> Conforme Augé, na sobremodernidade dos “não-lugares”, é “com uma imagem de si próprio que se acha em última análise confrontado [o indivíduo], mas com uma muito estranha imagem na verdade. O único rosto que se desenha, a única voz que ganha corpo, no diálogo silencioso que desenrola com a paisagem-texto que a ele se dirige como aos demais, são os seus – rosto e voz de uma solidão ainda mais desconcertante que facto de evocar milhões de outras” (2005: 87).

<sup>15</sup> “[...] estamos assim no extremo deserto, já atomizado e separado cada um de nós se torna agente activo do deserto, estende-o, aprofunda-o, incapaz que é de ‘viver’ o outro” (Lipovetsky, 1989: 46).

<sup>16</sup> Veja-se: “Não me venham com partidos!” (Gonçalves, 1992: 109); ou ainda: “O que é giro no Gica é aquela maluquice toda. Nunca fala a sério, nunca. Nem queira saber os disparates que diz, é uma paródia. Ao menos, com ele não se fala de proletários, nem de greves, nem de eleições. Só uma vez é que disse que tem muita honra em ser fascista. Que fascistas são todas as pessoas de bom gosto e de categoria. Mas foi só uma vez que falou assim porque ele vive para se divertir e para ser alegre, não há nada que o deite abaixo. (...) Não, ele nunca fala de política, diz isto no gozo” (Gonçalves, 1983: 90).

diferença de classes. / «Estamos tão longe de lhe ver o fim!», resmunguei eu, «como as areias de Marte à nossa consciência!» (Gonçalves, 1992: 109).

Afinal para estes jovens as recordações são uma só saída, porque, escreve-se, “real [é] a figura de um mistério que nos descreve a memória” (Gonçalves, 1983: 47), esse mistério de Abril que ‘morreu’ na perda da recordação obrigada a tomar outro sentido<sup>17</sup>. Afinal, eles, os outros da geração de 1960, a que, contrariamente à geração de Sara, “soube de uma religião e de uma sociedade autoritárias e opressivas” (Gonçalves, 1992: 56) e por isso soube ser revolucionária, “sabiam ainda muito pouco sobre a poluição, sobre as águas mortas dos rios e das águas oceânicas”, ou do “barulho das motorizadas a rebentarem-nos os tímpanos. Desconheciam a cidade. A cidade, de extremo a extremo, quando cada um se apressa, gemendo que não tem tempo, que não vai ter tempo” (Gonçalves, 1992: 56). Daí o outro sentido, a outra direcção da estrada tomada, a dos novos horizontes, sem memória que a dos ideais dos ‘astros mortos’ de que não é possível mais que “a certeza de já os ter visto, examinado, interrogado, sem compreender verdadeiramente as leis a que obedecia o traçado das suas órbitas misteriosas” (Augé, 2001: 25). Transformadas em lendas, as ideologias tornam ainda mais carregadas de sentido – qual? Não sabemos, resta a imaginação<sup>18</sup> – “aos que [se] perdem [...] resta-lhes a imaginação” – ou a “positiva afinidade com a alucinação”, sem “ansiedade, nem crises agonizantes, sem demência” (Gonçalves, 1992: 203-4). Porque a utopia é necessária – “Vou adiar? / Prender o que existe?” –, como absurdo, o sonho, a ilusão, esse “nosso lado primitivo que esplêndido respira” (Gonçalves, 1992: 97). Segundo Sara, fica-se vigilante e vai-se de indagação em indagação:

Fico vigilante. / Dos que vão ao encontro da morte, que não esperam por ela, sem interesse por sua identidade de pré-história ante o mistério do que estará chegando, conheço. / Também eu descobri uma forma de suicídio muito lenta, nada dolorosa, arquitectura transparente e quase muito bela. Mas não a digo a ninguém. / Há mais sedução em resistir, continuando a aprofundar o que sei, embora o que sei estranhamente corresponda a não saber o que quero. / Isto já é bastante: quero disputar a minha existência. (Gonçalves, 1992: 158).

Na conclusão de um estudo sobre os valores dos jovens na sociedade portuguesa desta década, José Machado Pais rejeita a hipótese da ausência de valores nesta geração, concluindo que face à adversidade e à crise de referenciais sociais e culturais, estes jovens optam por “moralidades plurais” que se confundem e

<sup>17</sup> Na sua acepção mais radical, esta mudança de sentido toma mesmo, por vezes, de acordo com algumas passagens das obras desta autora, a forma de recusa radical deste legado, como o seguinte excerto exemplifica: “Porque é que haviam de fazer esta revolução? Acha que vai durar ainda muito tempo? Tem, tem estado tudo parado nos liceus. Por mim, estou fula. A princípio soube bem, mas o que é de mais já enjoa. Estamos todos fartos. Por isso é que desde o 25 de Abril me levanto ao meio-dia. Vamos até ao Café, e tal, não se faz nada” (Gonçalves, 1983: 28).

<sup>18</sup> Diz Durand: “a imaginação simbólica é um factor de equilíbrio psico-social” (1979: 123).

fundem de modo não pacífico ou consensual (cf. Pais, 1998: 48). Apoderados de uma infiel fidelidade aos objectos do prazer e da felicidade ambígua, estes jovens tropeçam no lugar comum – “Vai-se para o que somos: essa forma muda que é a nossa espacialidade interna” (Gonçalves, 1992: 158) – para pensar – “Pensa.” (Gonçalves, 1992: 29). Afinal há sempre um lado instintivo, o começo de um novo acto, que, de resto, é preciso “resistir às normas e teorias do bando!” (29). Por outro lado, defende Sara referindo-se ao colectivo como imaginário de um espaço comum, é preciso ouvir “com reserva as pessoas teóricas” e experimentar verdadeiramente “o meio da praça, da avenida, dos locais” onde “a felicidade não julga em si mesma o seu próprio processo”, onde se “descobre o corpo e não [se] vê a sua nudez” em que “nenhum bem foi [ainda] confiscado” (Gonçalves, 1992: 112). É preciso parar para continuar, porque vale a pena: “No mundo há uma lógica. Não pertence a língua nenhuma. Tem-me surgido ultimamente como uma respiração que me ajude a esquecer” (Gonçalves, 1992: 83). Aceitando-se o que faz sentir bem em conformidade com a ideia de nada ter um só sentido, “pela razão de que reflectir é ciência” e pode “conter os dados que nos tiram do precipício” (Gonçalves, 1992: 201), é lá precisamente, nesse espaço vazio por preencher do esquecimento que, defende Sara, estes jovens se baterão “para salvar uma qualquer Tróia em chamas” (203-204), mesmo que do futuro não reste mais do que a disputa da memória antecipada entre breve, o desalento, e o dissipar das sombras, espécie de “ritual iluminado” (Gonçalves, 1992: 10) onde “tudo já está antecipadamente morto e ressuscitado” (Baudrillard, 1991: 14).

A seguir ao grito viria o silêncio?<sup>19</sup>

Não, não falámos da revolução, quer dizer, falou-se mas isso não lhe interessa. Acha que os Governos é que estragam tudo. Que estragam tudo os Governos e o dinheiro. Mal se tocava nesse assunto interrompia sempre assim: “Olhem para aquela gaivota a fugir do bando” (Gonçalves, 1983: 101).

A escrita da memória das gerações do pós-Abril, pela voz de Sara nos diários ficcionados de Olga Gonçalves, acrescenta à imagem mitificada daquelas gerações que se vem reproduzindo uma nova variável: a da liberdade “remitificante” (Durand, 1979). Uma nota: num inquérito realizado pela revista *Vértice* em Abril de 1994 a um conjunto de jovens sobre as relações desta juventude com a revolução de 1974, Filipe Rosas, um dos entrevistados, escrevia o seguinte:

Acho que no momento em que vivemos hoje, é evidente que não interessa ao poder instituído lembrar o 25 de Abril. [...] Há de facto, não é uma conspiração certamente, mas há de facto um conjunto de medidas e uma política que é

---

<sup>19</sup> No seu trabalho mais conhecido, *Ora Esguardae*, publicado em 1982, sobre a Revolução de Abril, Olga Gonçalves escrevia que a seguir ao grito “viria o silêncio, interioridade, todos escutando, todos amalgamando-se na busca de defini-lo, será um estilhaço?” (Gonçalves, 1989: 171).



Em 1984, os Alphaville, banda futurista de techno-rock psicadélico, cantavam assim para esta geração:

Let's dance in style, let's dance for a while / Heaven can wait we're only watching the skies / Hoping for the best but expecting the worst / Are you going to drop the bomb or not? [...] Let us die young or let us live forever / We don't have the power but we never say never [...] It's so hard to get old without a cause / I don't want to perish like a fading horse / Youth's like diamonds in the sun / And diamonds are forever [...] So many adventures couldn't happen today / So many songs we forgot to play / So many dreams swinging out of the blue / We let them come true / [...] Forever young / I want to be forever young / Do you really want to live forever, forever, forever [...]

Naquela altura, a vida tinha-se tornado um “problema sem problema” (Baudrillard, 1991: 47), impossível de resolver. Acabados de chegar “sem memória”, há um momento, o de talvez nunca mais; um momento depois de banidos para o nada, depois de nada a memória ter oferecido para tomar e manter (cf. Bauman, 1994: 140). Por isso era preciso ser-se jovem para sempre e não esperar pelo último capítulo, não envelhecer sem uma causa: “já só temos direito à outra coisa, à reabilitação fantasmática, periódica, de todos os referenciais perdidos” (Baudrillard, 1991: 55). Ou talvez esquecer um futuro ainda não nascido de um passado ainda esquecido – “So many adventures couldn't happen today”.

## BIBLIOGRAFIA

A juventude e o 25 de Abril (Mesa Redonda com Ana Vicente, João Afonso, Filipe Rosas, Nuno Ramos de Almeida, Sara Trindade, Pedro Maia e Sandra Monteiro (1994), *Vértice*, 59, 22-9.

Assman, A. (2006). History, memory, and the Genre of Testimony. *Poetics Today*, 27, 2, 261-273.

Augé, M. (2005). *Não-Lugares* (Trad. M. Serras Pereira). Lisboa: 90 Graus Editora [1992].

– (2001). *As Formas do Esquecimento* (Trad. E. Sampaio). Almada: Íman Edições. [1998].

Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e Simulações*. (Trad. M. J. da Costa Pereira). Lisboa: Relógio d'Água. [1981].

Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida* (Trad. P. Dentzien). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. [2000].

– (1994). Desert spectacular. In K. Tester (Ed.). *The Flâneur* (pp. 138-157). London and New York: Routledge.

Bebiano, R. (2006). Da desmemória e do seu antídoto. In M. M. Cruzeiro e R. Bebiano (Coord.). *Anos Inquietos. Vozes do Movimento Estudantil em Coimbra [1961-1974]* (pp. 9-13). Porto: Afrontamento.

Bell, D. (1997). *La fin de l'idéologie* (Trad. F. Malrey). Paris: Presses Universitaires de France. [1988].

Besse, M. G. (1991). Os mundos possíveis de Olga Gonçalves – a tensão referencial em *Mandei-lhe uma Boca. Intercâmbio*, 5, 91-101.

Brito, C. de. (1978). “[Recensão crítica de] *Mandei-lhe uma boca*, de Olga Gonçalves”, *Colóquio/Letras*, 44, 85-86.

Certeau, M. de. (1993). L'imaginaire de la ville. In *La Culture au pluriel* (pp. 33-44). Paris: Christian Bourgeois Éditeur.

Coelho, E. P. (1988). O grau menos zero que zero da escrita. In *A Noite do Mundo* (pp. 251-254). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Collin, D. Histoire ou mémoire. *Philosophie et politique (pages personnelles de Denis Collin)*, denis.collin.pagesperso-orange.fr/histoire.htm, acedido em 29/03/2011.

Cruz, M. B. da. (1995). *Instituições Políticas e Processos Sociais*. Venda Nova: Bertrand Editora.

Durand, G. (1979). *A Imaginação Simbólica* (Trad. M. de F. Morna). Lisboa: Arcádia. [1964].

Figueiredo, E. (2001). *Valores e Gerações: Anos 80 Anos 90*. Lisboa: ISPA.

Gonçalves, O. (1978). *Este Verão o Emigrante là-bas*. Lisboa: Moraes.

– (1982). *Ora Esguardae*. Lisboa: Caminho.

– (1983). *Mandei-lhe uma boca*. (2ª Ed.) Lisboa: Livraria Bertrand. [1977].

– (1992). *Sara*. (3ª Ed.) Lisboa: Editorial Caminho. [1986].

Gumbrecht, H. U. (2010). *Lento Presente. Sintomatología del nuevo tiempo histórico* (Trad. L. Relanzón Briones). Madrid: Escolar y Mayo Editores.

Halbwachs, M. (1997). *La mémoire collective*. Paris: Albin Michel. [1950].

Judt, T. (2007). *Pós-Guerra. História da Europa desde 1945* (Trad. V. Silva, M. Manuel Cardoso da Silva e P. Xavier). Lisboa: Edições 70. [2005].

Lipovetsky, G. (1989). *A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo* (Trad. M. Serras Pereira e A. L. Faria). Lisboa: Relógio d'Água. [1983].

Loff, M. (2006). Fim do colonialismo, ruptura política e transformação social em Portugal nos anos setenta. In M. Loff e M. da C. Mereiles Pereira (Coord.). *Portugal: 30 anos de Democracia (1974-2004) - Actas do Colóquio* (pp. 153-193). Porto: up Editora/Universidade do Porto.

King, N. (2000). *Memory, Narrative, Identity: Remembering the Self*. Edinburgh: Edinburgh UP.

Mourão, L. (1996). *Um Romance de Impoder: A Paragem da História na Ficção Portuguesa Contemporânea*. Coimbra: Angelus Novus.

Nuemann, B. (2008). The Literary Representation of Memory. In A. Erll & A. Nünning (Eds.). *Cultural Memory Studies. An International and Interdisciplinary Handbook* (pp. 333-343). Berlin/New York: Walter de Gruyter.

Pais, J. M. (1994a). Apresentação. In L. Chisholm e E. Liebau (Eds.). *Jovens Europeus: Mudança Social, Educação e Modos de Vida* (Trad. Inês Vaz Pinto) (pp. 5-13). Lisboa: Instituto Português da Juventude e Instituto de Ciências Sociais.

– (1994b). Percursos para a vida adulta num contexto de mudança social: o caso ilustrativo de Portugal. In L. Chisholm e E. Liebau (Eds.). *Jovens Europeus: Mudança Social, Educação e Modos de Vida*, (Trad. Inês Vaz Pinto) (pp. 15-26). Lisboa: Instituto Português da Juventude e Instituto de Ciências Sociais.

– (1998). *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Pinto, J. M. (2006). Trinta anos de democracia: mudanças sociais e inconsistência institucional. In M. Loff e M. da C. Mereiles Pereira (Coord). *Portugal: 30 anos de Democracia (1974-2004) - Actas do Colóquio* (pp. 133-151). Porto: up Editora/Universidade do Porto.

Pollack, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2-3, 3-15.

– (1992). Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, 5-10, 200-212.

Rosas, F. (2005). A Revolução Portuguesa de 1974/75. In F. Martins e P. Aires de Oliveira (Coord.) *As Revoluções Contemporâneas* (pp. 213-232). Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa: Edições Colibri.

Saunders, M. (2008). Life-Writing, Cultural Memory, and Literary Studies. In A. Erll & A. Nünning (Eds.). *Cultural Memory Studies. An International and Interdisciplinary Handbook* (pp. 321-331). Berlin/New York: Walter de Gruyter.

Tavares, T. (2002). “Um mundo que se quebra enquanto falo”: Representações do espaço social e sexual na ficção narrativa de escritoras contemporâneas. In M. I. Ramalho e A. Sousa Ribeiro (Coord.), *Entre Ser e Estar - Raízes, Percursos e Discursos de Identidade* (pp. 349-81). Porto: Edições Afrontamento.

Vieira, J. (2000). *Século XX - Crónica em Imagens. Vol. IX (1980-1990)*. Lisboa: Círculo de Leitores.